



# AVENÇA Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XX — N.º 504 — Preço 1800  
6 DE JULHO DE 1963

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA  
PRÓPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PAPEI CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## PATRIMÓNIO DOS POBRES



**N**ÃO é a primeira vez que acontece chegar aqui, reenviada pelo interessado, uma carta em papel timbrado oficial a indicar-nos como entidade competente para subsidiar construções em favor de Pobres.

Achamos graça... e encontramos profundidade em tal indicação.

Em regra é uma Assistente Social que subscreeve a carta. Ela trabalha no meio. Sente os problemas. Mete o dedo nas chagas. E como os seus recursos de funcionária não lhe dão para tal e ela sabe, ou lhe consta, que o Património ajuda Famílias Pobres que ainda reagem ao mais fácil: acomodarem-se e deixarem-se afundar na miséria — e-las a responder aos seus correspondentes:

«Sobre o pedido de auxílio para reconstrução da casa que foi destruída pela cheia de Janeiro de 1962, solicito a V. se digno dirigir este pedido à Casa do Gaiato, pois, de momento parece a instituição indicada para subsidiar o interessado e porque também não é possível considerar o pedido pelos nossos Serviços».

E o nosso Chefe de Família, de posse deste documento, aí vem com ele e com a sua urgência, em tom muito do estilo:

«Ex.mo Senhor Director  
Tenho a honra de enviar a presente comunicação, pedindo a fineza de me informar da viabilidade do pedido a que nela se faz referência.

A Bem da Nação».

É verdade! Quanto aqui não tem entrada e quanto não tem saída a bem da Nação!

Fazem, pois, muito bem as nossas Assistentes Sociais — já que «não é possível considerar o pedido pelos seus Serviços» — em remeter os que precisam a quem, por graça de Deus, sempre vai remediando alguma coisa. Eu fico muito contente com estas, pois também há delas, funcionárias, que enchem os papeis e os metem na gaveta e... não podem, não podem... quem quer que se arranje.

Mas tenho pena que aos seus

Visado pela

Comissão de Censura

lhe dão. E fá-lo o melhor que sabemos e podemos, sem olhar à conveniência do sim ou do não. Mas é do Povo que tem vindo a quase totalidade do que nos permite ir considerando na nossa desorganização organizada os pedidos que todos os dias aí vêm dar.

Obra para o Povo, ela tinha de ser do Povo e pelo Povo, para também aqui se cumprir o lema essencial de Pai Américo. E tem-se cumprido, graças a Deus.

Senhora Assistente Social que nos indicou o pedido que os seus serviços não podem considerar, alegre-se, a senhora que sempre toca as feridas dos Pobres, pois o seu caso vai ser considerado e, se for justo, será servido.

serviços não seja possível considerar pedidos destes, quando são dignos e justos, como tantos e tantos que todos os dias aqui vêm dar, e talvez este...

E temos mais pena que por outros carrinhos da Burocracia haja quem beba a duas e três bicas, porque, enfim, «não é conveniente dizer que não»...

Sim, esta e outras Assistentes Sociais (que ainda são as que mais sentem e compreendem porque tocam as feridas dos Pobres) indicam um caminho mais certo e verdadeiro. Se à Família, em cada um dos seus problemas, fosse prestado auxílio por uma única entidade, que não se prendesse nas conveniências do sim ou do não, mas se determinasse pela Justiça, podia fazer-se muito mais e melhor com os poucos recursos disponíveis.

Eu gosto destas Assistentes Sociais, tanto quanto não gosto da petulância com que funcionários de outros sectores da vida pública (muitos dos quais nem de longe viram nem cheiraram o fedor da vida dos Pobres), a petulância com que eles também já têm oficiado: «Para o efeito, dirija-se à Obra do Padre Américo». Como se a Obra do Padre Américo tivesse o dever de realizar os seus despachos de saída, eles que não despacham nada para cá!

E na verdade a Obra do Padre Américo tem o dever de distribuir pelos Pobres o que

## Uma VISITA

24 de Junho. Há sete anos que a visita se repete, sem interrupção, neste dia. Umaz vezes a pé, outras de combóio, conforme as forças o permitem. Ora acompanhada das mesmas caras do ano que passou, ora de caras novas que acederam ao seu convite.

Este ano trouxe três companheiras. Gente simples, mas de alma grande. E a alegria franca e comunicativa, junta à simplicidade, fazem-nos pensar que se consideram membros da nossa família.

E são. Sentam-se à mesa e comem do nosso almoço.

Conversamos um pouquinho. Vão à capela conversar com o Senhor, e com Pai Américo também. Que contentamento!

«Vimos tão contentes!» E o S. João, à porta das suas casas? (São do Porto). «Não

fomos à festa porque tínhamos que vir aqui. É que temos de fazer alguma coisa para merecer a graça do Senhor».

Mais: a Lúcia da Conceição, durante a sua vinda, vai de porta em porta, «porque não quer vir de mãos vazias e tem de fazer alguma coisa para merecer a graça do Senhor». E as migalhas recolhidas somaram mais de mil.

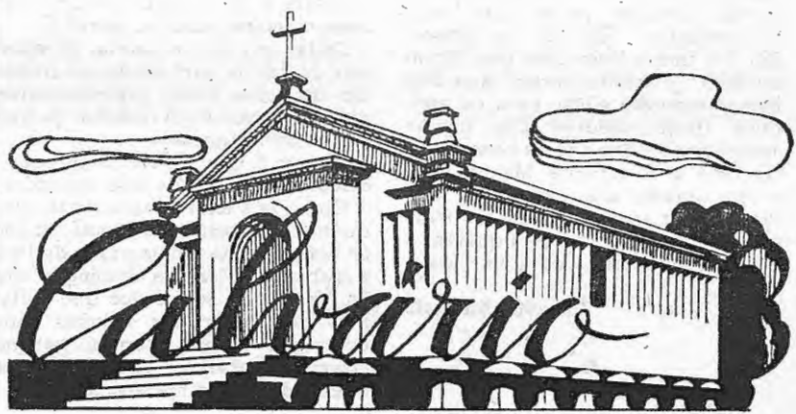
Ninguém como os Pobres conhece as necessidades dos Pobres.

Estamos habituados a receber muitas visitas e as ruas da nossa Aldeia são testemunhas.

Mas esta tem sempre um sabor muito especial.

«Até ao ano, se Deus quiser», foi a despedida.

Padre Manuel António



Está concluído mais outro pavilhão para paráliticos. Ele é todo igual ao das paráliticas. Quatro enfermarias, com as respectivas casas de banho, quarto para quem há-de velar, outro para os que vão sendo chamados, altar central, varanda para inverno e outra para verão. Muito ar, muita luz e aquecimento a prevenir o frio. Ainda não encomendei as camas. Já tenho no entanto alguns lençóis e cobertores, mas aguardo os restantes. Entretanto, pobres inválidos mais eu ansiamos a hora, bem próxima já, da recolha. O pavilhão vai chamar-se Casa Vitória. Foi alguém que assim o quis, em homenagem discreta à própria mãe. Entregou-nos 500 contos para tal. Eles aí estão transformados, prestes a animar pobres doentes paralizados. Não houve publicidade. Ela ia estragar tudo. Houve simplicidade e alma muito grande, que quis e soube amar a mãe, mais o seu próximo, amando aquela nestes, e estes à sombra daquela.

E o rol dos que vêm ao encontro dos doentes prossegue:

José Alves com 500\$00. Doadora de sangue com a gota mensal de 20\$00. Pároco com mil. Doente para doentes também com a oferta de todos os meses. Quatro irmãos com 100\$00, comemorando as bodas de ouro. Assinante com outro tanto. E muitos outros com o excedente do pagamento de assinatura. Amélia de Vila Real com 300\$. M. Bandeira com 100\$00. Luan-dense com o mesmo. E ainda com outro tanto Maria do Porto. Alguém com a promessa de 150\$00. Mãe de oitenta anos, pede orações pelo filho. Manuel com 70\$00. E com a mesma quantia Joaquim, Anónima da Rua das Papoilas com 100\$00 mensais. Maria da Saudade com metade. Pessoal da HICA com 1.801\$30. Raúl com 100\$00. E com esta quantia Maria do Sul, Francisco, Berta e Jorge todos os meses no Espelho da Moda. Pecadora com 10\$00. Mercedes com 1.000\$00. Maria Leonor com 400\$00. Marília com 50\$00. Anónima com 20\$00. Outra com 100\$00. Ainda outra com o dobro. De novo Raúl com 100\$00. Alice com metade. Alguém pede orações. Lili e Manuel com

Continua na TERCEIRA pág.



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Lar do Porto

CONFERENCIA — Há muito que não nos encontramos em conversa. É verdade. De quando em vez, há por aqui algumas marteladas.

O assunto não pode ser outro senão o dos nossos Pobres. Nós, os rapazes, vamos bem, relativamente.

Há dias o Chico dos Teares ordenava que escrevesse para o jornal um artigo da Conferência. Ele apareceu, foi lido e muito pouco atendido no que se apresentara de remédio urgente.

Por conseguinte, o caso é o mesmo que apresento hoje.

A Maria Palmira. É nossa desde há muito e naquela altura necessitava bastante; hoje à porta de uma grande desgraça.

É abandonada com seus seis filhos; o homem bastante doente; os filhos enfadados pela fome; tudo tristeza — claro, quando o homem se convence que há-de ser rico sem trabalhar cai na estupidez em primeiro lugar, e na desgraça, em segundo.

A resolução não tardou e eis mãe e seis filhos sujeitos à fome, ao abandono. Ela é dali da Rua Cimo do Muro da Ribeira. É fácil atinar com a sua barraquilha.

Façam-lhe uma surpresa para ver se os fazem zangar — assim por altura do almoço ou próximo a ele...

Entrem, conversem, reparem em tudo, queiram saber e depois relatem-nos tudo.

Mas não se esqueçam de reparar por fim nos 280\$00 que têm de dar em cada mês.

A nossa Conferência vai pobre. Nunca nos faltou para pagar as rendas e a mercearia. A despesa ronda os 1.400\$00 por mês!

Temos às vezes de dizer que não... Não se esqueçam.

Zé do Porto

## Azurara

Veio o primeiro turno de rapazes para a praia no dia 21 deste mês. Somos ao todo 28, grandes e pequeninos.

Aproveitamos estes dias bons que têm estado, para irmos, e assim mesmo, antes de acabarem as escolas, daqueles que ainda lá não andam e dos que por lá já passaram foram escolhidos os que cá estão.

Chegámos, para nossa maior alegria, nos dias da festa de S. João, que, aqui em Vila do Conde, são festas de grande algazarra.

Quanto a banhocas, todos os dias a água tem estado ótima e assim nos tem proporcionado regalar-mo-nos, como é o mais interessante cá prá malta.

Somos bem recebidos quando vamos à vila buscar mercearia, hortaliças ou peixe. Muitos amigos nos têm oferecido frutas e mais.

Nos dois penúltimos dias de festa, três rapazes foram vender jornais em Vila do Conde. Foram todos vendidos. Nunca cá se vendeu tantos, e para mais, logo de início eles levavam poucos; pensando nós que não os pudessem vender todos! Mas não há dúvida que os corações desta gente marítima são caridosos e logo a venda chegou aos 120 jornais, coisa nunca vista por cá.

Estamos imensamente satisfeitos com estes novos ares e com a presença carinhosa e amiga dos amigos de Azurara e Vila do Conde.

Orlando

## PAÇO DE SOUSA

PRAIAS — Em todas as bocas da nossa malta, não se ouve falar noutra coisa. Sr. Padre Manuel é que os vai aturando. Ainda agora, ao elaborar a lista para o primeiro turno, ele se viu em palpos de aranha. Toda a gente queria ir, porque o tempo a isso convidava. Porém, com muito custo, e depois de ouvir muitas lamentações, Sr. Padre Manuel lá conseguiu arranjar o primeiro grupo comandado pelo nosso Fernando Dias.

OS NOSSOS ANGOLOS — Eles são a alegria da nossa casa. Toda a nossa gente gosta de brincar com eles. A sua fala, a sua boa educação e a sua maneira moderada de brincar, é uma sedução para todos nós.

Todas as manhãs eles aparecem bem dispostos e com a sua cortesia, que para nós já é habitual. Estendem a mão e depois da gente corresponder, eles perguntam: — Estás bem? E enquanto a voz do outro lado não responder a mão também não sai de entre a sua.

Que maneira bonita de cumprimentar é a dos nossos e a de todos os de cor! Para quê então a discriminação racial se eles afinal são mais bem educados, quando lhes dão oportunidade para isso, do que nós brancos?

TIPOGRAFIA — Graças a Deus ainda houve alguém que ouviu o nosso apelo quando no número atrasado pedíamos trabalho para a nossa Escola-Oficina. E neste capítulo é justo salientarmos de entre todos os nossos clientes uma Empresa do Porto. E que grande Amigo a nossa Obra lá conta! Para este nosso Amigo vai o nosso muito obrigado e para a Empresa vão os nossos votos sinceros de muitas prosperidades.

Entretanto, e ainda num último apelo, lembramos aos que estão a passar pelas brasas, mas que ainda não adormeceram, que cá os esperamos com trabalho, porque não só contribuem para ajudar a nossa Obra, como ainda para a valorização dos nossos rapazes que trabalham afinadamente para o dia de amanhã.

FRUTA — Começou a guerra! Tudo anda numa fona. Sr. Padre Manuel, que é o mestre das lavoiras, lá vai rabiando pelos sítios mais frequentados. Ele são os avisos. Ele é o pau a fazer com que façam barulho. Contudo parece que não houve remédio eficaz para os assíduos frequentadores das nossas ameixeiras e dos nossos pessegueiros. Diz o Sr. Padre Manuel que o têm fintoado, mas algum dia há-de-lhe cair nas mãos, quanto mais não seja, quando se forem queixar à Senhora que lhes doi a barriga...

Ernesto Augusto

## SETUBAL

Chegou o «Ginja». É o Ramiro de Canelas — Entre-os-Rios. Foi baptizado por Ginja, por ser irmão do «Cereja». Eu dei fé da sua chegada. O irmão, que já é nosso há cinco anos, não o conhecia. Eu vi, com o coração a arder, a maneira como o «Cereja» recebeu o irmão de 10 anos. Era sábado, o dia de banho cá em casa. «Cereja» leva o irmão a ver a casa, e depois foi lavá-lo e vesti-lo de lavado. Eu vi tudo, e saboreei todo aquele amor durante uma semana. Depois, veio um nadinha de sal, temperar o meu sabor: di-

zem-me que os dois irmãos tinham fugido. Não quis acreditar, até que me convenci que era verdade, por ouvir da boca de muitos. Aquilo que uma semana antes tinha sido braza, era agora um carvão apagado. Não sabia bem o que fazer. Nós não costumamos ir à procura nem mandar procurar os nossos. As portas abertas que o digam. Mas a estes dois irmãos, não podíamos deixá-los ir. Alguém os tirou aos pais para que nós lhes dessemos aquilo que eles não tinham nem sabiam dar aos filhos. Eles eram nossos, muito nossos, e por isso procurámos achá-los. Lembrei-me da oração de Pai Américo e fui à Capela. Ali recordei a minha fuga quando tinha 7 anos, e vi então Pai Américo a rezar pelos dois fugitivos: «Senhor olha por eles que são mais teus que meus». No dia seguinte de manhãzinha, recebemos recado para irmos por eles a Lisboa. Já meter-se na retrete dum comboio que os levasse pró Porto. Dei Graças a Deus por os ter trazido.

À noite houve tribunal. Antes, quis saber como tinham combinado fugir e porquê.

Ambos contaram do motivo, e disseram que já se tinham arrependido no caminho. Eu acreditei. E tenho fé que o «Cereja» vai ajudar o irmão a ser um homem. E quando os dois tiverem a consciência de homem, há-de dar graças. Eles andam de novo alegres e despreocupados. O «Cereja» está pra fazer exame, e «Ginja» vai pra escola principiar, pois com 10 anos fugia às aulas.

Ernesto Pinto

## BELEM

OS EXAMES: — São quatro meninas que o fazem. Podiam ser seis mas não são, porque a Cilita e a Madalena foram mandrionas, não quiseram estudar. Agora estão arrependidas, mas já não há remédio.

Só quase na altura de mandar os nomes é que nos lembrámos de que estávamos perto dele e era preciso estudar. É certo o ditado que diz que nos lembramos de Santa Bárbara só quando troveja. Algumas meninas até chegaram a levar livros para o quarto, e de manhã, quando acordavam, começavam a estudar.

Todas que fazem exame desejam sair da escola para ajudar ao trabalho da nossa Casa, principalmente no campo, que é um trabalho de que quase todas gostam.

O pior é que percebemos pouco disso e ainda temos que aprender.

Como nós ainda somos todas pequeninas e andamos na escola, todos os dias anda na quinta gente de fora a trabalhar. Mas aos domingos não há ninguém e somos nós que deitamos de comer aos animais. Aos domingos é uma alegria, porque fazemos trabalhos diferentes dos outros dias e brincamos muito.

Licas

AS GALINHAS: — Nós só temos três galinhas e um galo. Quem trata delas sou eu. Se lessem o último Gaiato talvez vissem um pedido que fizemos. Ora antes da notícia correr por toda a parte, a nossa avózinha de Viseu, deu-nos uma ninhada de pintainhos acompanhada da mãe galinha.

Estou muito contente por a nossa capoeira estar a progredir. Se tivermos sorte com a nova ninhada, brevemente teremos galinhas que nos darão muitos ovos. Gosto muito delas e também de as tratar. Dou-lhes couves com farelo, deito-lhes água e às vezes também comem milho.

Acabo de saber que a nossa avózinha já deitou outra ninhada para nós. Por isso já não precisamos de mais pintos, porque as nossas capoeiras não são grande coisa. Precisam de ser arranjadas, mas por enquanto não podemos.

Deolinda

A MINHA BONECA: — Quando as meninas do Colégio da Nossa Senhora da Conceição nos vieram visitar deram-me uma boneca. E logo no segundo dia a nossa Mãe tirou-me a boneca e disse que não ma dava tão depressa porque eu estava a brincar com ela na escola.

Pintainho

## MIRANDA

A nossa casa de Miranda tem oito rapazes ao serviço da Pátria, dois dos quais já furréis: o Crisanto que serve há quatro anos e está agora em S. Tomé e o Carlos Manuel novamente em Aveiro, sua terra natal.

De vez em quando apetece-nos dar notícias deles. Já há muito que o não fazíamos. Eles também dão notícias sempre que podem, e graças a Deus das melhores.

Os outros seis estão espalhados por vários pontos do país. O Manuel em Leiria, o Carlitos em Coimbra agora de férias e à espera de ser transferido para outro lado, o

Carlos Alberto que assentou praça em Mafra e foi autorizado a vir para casa acabar o 7.º ano, o João Martelo e o Porto continuam sempre alegres e bem dispostos por terras da nossa tão querida Província de Angola. Esperamos abraçá-los brevemente. E por último o Zé Grilo que se veio despedir para ir para o Ultramar, talvez para a longínqua terra portuguesa de Timor.

É mais um que com muito alegria vemos partir; não alegria exterior mas alegria interior. Levam e deixam muitas saudades. Partem com as lágrimas nos olhos, nós ficamos com elas no coração e com a certeza de que os que vão também o fazem interiormente contentes por irem defender a nossa querida Pátria. A Pátria que deu ao mundo maior lição de fraternidade e amor, a única no mundo que espalhou o nome de Cristo pelos cinco continentes.

Quem defende uma Pátria Cristã como a nossa deve sentir-se orgulhoso, porque defende o nome de Cristo. Daí a nossa alegria interior ao ver partir os nossos soldados.

Gabriel

## De como nós fomos à Feira Internacional de Lisboa

No passado dia 16 de Junho, domingo, partimos para Lisboa às 10 horas da manhã.

Foram alguns dos principais rapazes da Tipografia, juntamente com o sr. P. e Carlos que ia a conduzir o carro, e o Júlio — esse, não podia faltar porque anda sempre a pedir máquinas para a nossa Tipografia. Já engatou ao sr. Padre Carlos a «Heidelberg» e agora anda a ver se engata uma máquina de picotar para a encadernação.

Fomos por aí abaixo, com o nosso vagar, a apreciar as paisagens. Almoçámos na serra da «Boa Viagem» com um rico panorama à nossa frente, avistando-se a cidade e a linda Praia da Figueira da Foz. Seguimos por Nazaré e vimos, também, a sua linda Praia. E daí seguimos até Lisboa, parando em vários sítios.

Chegando à cidade preferida passámos pelo Aeroporto da Portela e a seguir fomos directamente ao Lar. Aí jantámos, e, para aproveitar bem o tempo, fomos logo até à Feira. Demos uma volta até que chegámos ao C. S. B., secção de máquinas tipográficas. Estivemos a ver várias máquinas de impressão até que por fim chegámos às de encadernação, que o sr. Padre Carlos e o Júlio andavam interessados em escolher, principalmente uma máquina de picotar; agora é que vamos ver se ela vem ou se não vem.

Acabámos a visita de domingo aproximadamente à meia-noite, e daí viemos para a Casa do Gaiato do Tojal, que fica distante de Lisboa uns 20 Kms.

Na segunda feira de manhã andámos a visitar a Casa

do Tojal: as oficinas e outras dependências. Em Lisboa fomos almoçar a casa dos Pais do sr. Padre Carlos e saímos de lá todos bem servidos. Visitámos o Jardim Zoológico até às três horas e viemos novamente para a Feira. Jantámos lá dentro no Self-service. Nenhum de nós deu provas que ficava apurado para servente: o Júlio esqueceu-se do copo e da colher; eu e o Oliveira estávamos com muita sede mas não valeu de nada, esquecemo-nos também do vinho; o Cerejeira esqueceu-se do talher de sobremesa e do vinho e o Senhor Padre Carlos esqueceu-se do guardanapo! Foi uma grande barracada — mas ninguém deu por ela.

Quando acabámos de jantar saímos da Feira e fomos visitar alguns monumentos como: o monumento dos Descobrimientos, a Torre e Belém e várias paisagens.

O que a gente tinha de melhor era o cicione, o Sr. Padre Carlos; por onde passávamos explicava-nos tudo. Já se estava a fazer noite e como não podíamos andar lá sempre viemos novamente dormir ao Tojal.

Na terça de manhã regressámos por volta das onze horas. Só parámos ao pé de Coimbra para merendar. De resto foi sempre andar até ao Lar do Porto. Estivemos lá uns minutos e finalmente às sete e meia da tarde chegámos a Paço de Sousa.

Esta visita foi muito boa para nós — porque ficámos a conhecer outras máquinas tipográficas.

António da Silva

«O Gaiato» ★  
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes



# Correspondência de Família

Onde um coração português que não hospede a saudade? Lá longe se experimenta e entende melhor a força do amor. O espírito não sofre condições de tempo nem distância... Salta por sobre os mares e une os corações separados, mas não divididos.

Que boa a distância, que purificadora, quando nos abre assim!...

## África

«Vamos lá saber como vai essa saúde e boa disposição. A barca que tal? Não tem havido tempestades? São estes os meus maiores desejos e neste pensamento vou continuando a pedir ao Pai do Céu. No que me diz respeito só tenho a dar muitas graças a Deus. A saúde jamais me faltou, a boa disposição não tanto mas menos mal, a vida espiritual um pouco abalada, a resignação ótima. São estes os meus dados pessoais.

Estou em contacto por correspondência com o Adolfo, Mário Tito, Planeta, Cipriano, Girafa e meu irmão. Em todos vejo o mesmo: Saúde e resignação. As suas cartas são para mim uma fonte de alegria. Todas elas me vêm trazer amor e confiança. Dos civis tenho tido notícias do Teixeira e uma carta do Daniel. A carta do Daniel foi simples mas grande! Pareceu-me conformado e bom!

Tenho recebido «O Gaiato» todas as quinze, e nele tenho saboreado toda a nossa vida. Nunca tanto e tão bem o saboreei como aqui.

Pelo Américo tenho tido notícias daí e por elas vejo que tudo corre na calma, graças a Deus.

Por cá tudo bem. A paz continua sem o menor indício de alteração. Muito se tem feito para que na realidade esta terra seja verdadeiramente portuguesa. Em tudo se nota a nossa presença. Toda esta despesa que a Nação está a ter é uma sementeira para um futuro de grande colheita.

Nossa companhia está considerada modelo de toda a província. Somos comandados por um verdadeiro chefe. É nele que muito tenho aprendido pelo exemplo, persistência e iniciativa de que é dotado».

## Brasil

«Cá recebi a sua tão amada carta que de todo o coração lhe agradeço e em seguida à mesma vou responder:

Como tem passado o Snr. P. e Baptista? Eu soube que ele tem estado doente e que foi repousar fora. Ele já voltou? Faço votos para que as melhoras sejam breves. A Conferência do Lar, terminou? Ainda não recebi o nosso Famoso Gaiato cá, mas o Manuel Henriques tem-me emprestado o dele e confesso que

as primeiras notícias que procuro são as do meu Lar, mas... nem do Lar nem da Conferência, chegando por vezes a ficar triste. Leio as restantes e então fico mais conformado.

Fiquei satisfeito com as notícias das nossas festas este ano, pois não contava com tanto sucesso. Logo por azar o animador n.º 1 das plateias veio para o Brasil e não acredita ainda que está no Brasil. As saudades matam-me chegando por vezes a fazerem-me chorar por tudo isso. As minhas ideias são pouco animadoras e confesso não ter coragem para as revelar, contudo enfrento tudo com a graça de Deus e esperemos o fim. Nada me tem faltado a não ser a coragem porque infelizmente sou um pouco sentimental. Bem, esqueçamos e mudemos de assunto.

Que se passará com a D. Diamantina pois não me escreve? Em seguida vou escrever-lhe a pedir que me escreva pois ainda não conheço a letra dela. Já passaram das 70 cartas que recebi e pena é que ainda não tivesse chegado cá o nosso jornal pois é a maior carta que posso receber. Peço desculpa da minha letra e se assim vai e a estou a escrever é porque tenho andado com muitos nervos e se nunca tive letra bonita, agora muito pior.

Nós cá temos muito que fazer, pois temos muito movimento sendo por vezes trabalho a mais. Não há dúvida que trabalhamos muito mas como já estamos habituados isto vai facilmente. Esperamos agora o fim do ano pois é a única esperança que tenho para juntar «farfalhos» (dinheiro).

Eu soube que o Zé Lemos foi para a Guiné e pergunto ao Snr. Padre se tem tido notícias algumas dele. Houve lá sari-lho e espero que nenhum dos nossos que lá estão tivesse sido atingido. Quando souber alguma coisa de concreto não se esqueça de me dizer, está bem?

Como vão as obras do Lar? Que côr tem o meu quarto? Todos estão bem por essa Terra? Espero que a sua próxima, se eu for merecedor, pois desta vez demorei muito a responder, traga muitas novidades. Como vai a D. Virgínia? Ela agora está nas quintas dela pois está em Paço de Sousa. Quem são os rapazes que vão para África?

Desta vez como vê foi uma carta um pouco chata mas eu preciso de desabafar, tenha paciência e ature-me».

**A nova impressora automática devora trabalho!**

Se deseja mandar executar serviços tipográficos aproveite a

**TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA**

Continuação da PRIMEIRA pág.

300\$00. Mãe de Oeiras com 100\$00. Outra mãe aflita.

Beatriz com 60\$00. Celeste pede sufrágio. A «Confidente» reparte connosco e Barredo 1.000\$00. «Eu e minha mulher de comum acordo enviamos 100\$00». Casimiro com metade. Maria do Resgate com 500\$00. Maria Emília com 100\$00. A. com 500\$00. Viúva recente com 20\$00. Acácio com 50\$00. M. Victória com outro tanto. Amiga de Palhaça com 250\$00. As 3 do Porto com 200\$00.

A intenção valoriza a dádiva. O modo como se oferta também. As circunstâncias, essas sim, às vezes dizem tudo, valem tudo, são tudo. «Importância ganha numa tarde de brincadeira. Para festejar o aniversário de meu marido».

Esta criada vem com 60\$00, dos 5 escudos mensais que põe de parte ao longo do ano. É grandeza, por ser donde vem e como se amealha. Filomena do Porto com 150\$00. Bernardino com 50\$00. Condessa com quatro vezes mais. A mãe de Oeiras torna. Berta e Jorge também. Assinante de Tomar com 200\$. Viúva com metade. Alguém com 700\$00 — «importância que retiro todos os meses do meu orçamento e que enviarei enquanto «for viva». Viúva de África com 40\$00. Amiga da Foz com metade. José, do Porto, com 250\$00. Mãe de dois filhos com 50\$00 mensais. Conceição com 250\$00. Beatriz de Coimbra, 100\$00. Re-



gina com metade. M. Cordeiro com o dobro. M. L. envia 500\$ para lençóis. M. Manuela vem com 100\$00, de V. F. Xira. Júlia com 60\$00. Anónima do Cartaxo com 1.000\$00.

Estão aqui parcelas de todos os quadrantes. De Setúbal 80\$, mais 200\$00. De Gaia, 500\$00 e mais 500\$00. De Braga 40\$00. De Lamego 500\$00. De Lisboa 250\$00, mais 50\$00 e mais outros 50\$00. De Gondomar 20\$00. Do Porto outro tanto, mais 50\$ e mais 500\$00 na Capela das Almas. De L. Marques, 50\$00. De Belas 100\$00 «para o querido Calvário». De Carção 100\$. De L., Marques, M. Adelaide vem com 200\$00. De Almada 50\$00. Do Sabugal outro tanto. De Bário um óbulo. De Campo 50\$00. De Coimbra 20\$00. Da Régua 100\$00. Do Laboratório de Leiria 500\$00. Duma criada antiga 100\$00.

Mais cinco litros de azeite para a capela. Mais cem por graça recebida. A percentagem de

gratificação, da Berta de Lisboa. Mais cinquenta no aniversário da morte do marido. Mais cem «para a Obra com que tanto simpatizo».

Assinante da casa dos quatro mil com 2.000\$00. Mais 100\$ em sufrágio da mãe, pelas almas, por alma de Vitorino. Mais 250\$00 pela saúde do filho. Pequena chega para lençóis, 250\$. Mais «para sufrágio da alma da saudosa mãe», l. 331\$40.

Mais uma corrente de ouro. E mais o suspirado *televisor*. Não sei bem como foi; sei que veio do Porto, da Belarte. Houve uma entrega de 5.000\$ em Coimbra para aquisição do dito, que não chegou a ser utilizada em tal fim. Mais: houve pequenas ajudas. De amigos de Lisboa 500\$00. Mais 50\$00 de anónimo e 250\$ de M. José.

E aí estão os doentes todos regalados, de olhos bem arregalados no *televisor*. Bem hajam.

Padre Baptista



Está na massa do sangue de todo o homem a posse da propriedade. Regateá-la, é lesar direito natural.

Estes pequeninos de calção, fralda ao léu, já são proprietários. Quase todos têm o seu quintal num rincão da quinta. São leiras estreitas, suculeos entalados nas pedras de muros baixos, cobertos às vezes pela sombra amiga das carvalhas. E neles, as horas de ócio, de distração, transformam-se em batatas, couves, cebolas e alhos e legumes de toda a espécie.

O Adriano, de olhos azuis e alma branca, fegoso mas meigo, é um dos ditos proprietários. Ora, ele é assíduo em fazer companhia aos mais velhos na visita aos Pobres. Conhece, não a mesa farta e variada dos que a têm; nem a desigualdade do viver dos homens; que ele é ainda muito pequeno; digo: conhece somente a mesa dos Pobres dos nossos arredores de Beire. Estamos na véspera do domingo. Para os vicentinos amanhã é dia dos Pobres. Eles irão a eles. O Adriano também. A preparar o quê para lhes levar, este acerca-se de mim todo contente e desfecha:

— A gente pode levar aos Pobres as batatas do meu quintal mais os repolhos?

— Pois claro que sim! Que

havia eu de responder? E naquele domingo não sei quem ficou mais contente, se os Pobres, se o Adriano, se eu!

Os grandes incêndios partem duma faúlha, pequenina talvez. Estes garotos de fralda

ao léu, e calção, despercebidos na multidão atropelada do globo, ditam, na sua inocência, a solução de problemas mundiais, como a da subalimentação. Dar cada um do seu ao seu irmão; o que mais tem ao que menos possui, é simples de mais para quem já não é criança daquelas que o Mestre quer que sejamos sempre!

Que contentes não ficaram os Pobres naquela manhã!

Que felizes não andariam Eles, se repartíssemos sempre com eles o nosso caldo!

Padre Baptista

*Do que nós necessitamos*

A marcha santa e bela continua: No Banco Espírito Santo, do Porto, foram creditados 250\$00 por intermédio de um anónimo da Av. dos Aliados, 107. Segue-se uma nota de encomendas recebidas: Um embrulho de roupas todas tirones dum anónimo do Largo da Sé de Leiria. Recebemos um grande caixote contendo livros muito bons para os nossos estudantes, da sempre presente e querida Avó de Moscavide. Um camisolado que são uma

categoria foram-nos enviadas pelo Senhor Joaquim Filipe Nogueira; outro embrulho, também com roupas, chegou-nos às mãos por uma senhora muito amiga de Coimbra. Acusamos, aqui, recepção de nove pacotes de lâminas que nos mandou um anónimo. Elas servem muito bem! Há cá muitos com barba! E objectos de barbeio, pentes, escovas, pastas dentífricas, etc. são de grande precisão para esta família. Continua na QUARTA página

«O Gaiato» ★  
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes



# TRABALHO

A primeira vista pareceu que não surtira efeito a última chamada geral a todos os nossos leitores — especialmente Gerentes ou Empregados de fábricas e estabelecimentos comerciais. Mas, ainda que poucos hajam acordado, o certo é que a primeira linha marcou uma presença digna de registo. Entre outros, tomem nota, por favor, do expressivo testemunho de um grande Amigo da Invicta:

«...Enquanto eu tiver os impressos a meu cargo podem contar comigo. Os amigos não são só para dar os bons dias e as boas tardes. Ou se é amigo da Obra ou se não é. E para se ser amigo é preciso prová-lo».

Que pode a gente acrescentar? Ele diz tudo — e de que maneira! Di-lo com autoridade, porque desde o momento que Deus lhe deu oportunidade de nos conhecer verdadeiramente, resolveu distribuir pelas nossas Escolas Gráficas de Paço de Sousa uma importante quota parte das inúmeras encomendas de impressos usados na firma onde é Gerente. E jamais deixou de marcar presença. Uma presença cada vez mais preciosa, cada vez mais amiga e compreensiva. A sua carta é um documento importante, cuja doutrina vai, por certo, fazer muita luz entre os milhares de leitores amigos da nossa Obra, que podem — assim queiram — incluir as nossas Tipografias como fornecedoras de parte do consumo de impressos (envelopes, facturas, blocos, etc.) nas firmas onde são patrões ou empregados.

Em suma, como a nova impressora automática devora trabalho e os nossos rapazes precisam de ter quê para ocupar 8 horas diárias de aprendizagem, esperamos continuar a dar boas notícias no próximo número.

Júlio Mendes

# ÁFRICA

As coisas são criaturas de Deus submissas — cumprem a finalidade que lhes foi marcada. Só os homens, criaturas livres, que podem, por seu arbitrio, resistir e desorientar-se do sentido que também a eles — criaturas de eleição — lhes foi marcado, só os homens tramam problemas e os enredam... e depois se vêem e desejam para os remediar.

A medida que avanço na vida é isto que vou achando: que os homens são o obstáculo do homem, obstáculo que todos os dias se ultrapassa e se repõe, a can-

## Do que nós necessitamos

Continuação da terceira página  
tão numerosa. Vem a presença de dois muito amigos: de E. Cunha recebemos «uma migalhinha» acompanha a duma carta tão bela! Do Duro uma assinante manda 200 angolares «para ajudar a aliviar os sofrimentos de um dos nossos irmãos a que Deus destinou o muito sofrer neste mundo». Da Av. A. A. Aguiar, de Lisboa, alguém mandou 10\$, em selos do correio; doutra assinante que também comungou a «Nota da Quinzena», vieram 70\$00 «para um chefe de família doente, que tem filhos para alimentar»; e finda com 20\$00 de A. P. M. «para pagamento de uma dívida».

Orlando da Rocha

sar, a desgastar, a envelhecer os que têm de ir além.

A gente nem pode imaginar o que seria o mundo sem a confusão nascida do orgulho de Babel, fruto envenenado da Arvore do conhecimento do bem e do mal, se os homeas gastassem todas as energias dispendidas em desfazer, na sua construção, mediante todos os bens, que Deus fez com uma finalidade bem marcada. Seria o Paraíso Terreal!

Assim, antes de começar a levantar parede, quanto esforço consumido na desobstrução da ruína anterior! E, quanta vez, as forças se finam após os novos alicerces, sem que a construção chegue jamais a ser!

São desta marca os problemas de Africa. Arbitrários, fictícios, sem fundamento real — criaturas da imaginação de Caím, que em vez de aceitar ser irmão de Abel prefere ser lobo, ou indiferente, que é ainda uma maneira hipócrita de ser lobo!

Africa é um continente sub-povoado que guarda em seu seio bens inculcados. Para os conhecer e utilizar, seria preciso que se multiplicassem os homens, que haviam de regar o sol e o sub-solo com o seu suor e com este comerem o seu pão. Muitos homens de boa vontade, desde os mais humildes trabalhadores braçais aos artistas, mais especializados! Pois que fazem os homens? Combatem-se a título da cor da pele. E se os brancos abusaram dos negros, por pre-

# CAMPANHA DE ASSINATURAS

DO MINHO AO ALGARVE — Ainda não é desta vez que a gente põe a escrita em dia! Ele tem sido, graças a Deus, uma procissão numerosa e mais do que isso — fervorosa.

Ora leiam com atenção mais um testemunho vibrante:

«Sou uma humilde professora primária que tem andado longe, a uma distância quase infinita da Verdade...»

Porém, «O Gaiato», jornal que tenho, para mim, como uma página do Evangelho, tem-me vindo às mãos, às vezes, quando, ao regressar da Escola, na Praça, um pequenino me olha e me estende o jornal dizendo-me:

«Minha senhora, compre-me «O Gaiato», é do Pai Américo».

Acompanha-me, então; leio-o e lembro-me do que pudera ser e não sou. Caem-me, por vezes, as lágrimas, e vejo a minha pequenez e sinto-me, então, mais longe ainda da Paz e da Vida.

Ah! O Pai Américo! Aquele a quem beijei as mãos gélidas, no seu leito de morte! O Pai

Américo que me olha, na Escola; sim, eu tenho um quadro do Pai Américo, na Escola, ele há-de pedir a Deus por esta professora e há-de ajudá-la a subir o caminho da Verdade.

Hoje li «O Gaiato» e pensei assiná-lo, se mo quiser enviar, sempre...

Presentemente, devido à doença grande que me tem acompanhado e com a qual tenho gastado quase o que ganho, não poderia enviar o dinheiro mas, para a semana, enviá-lo-ei.

Perdoe-me. Tenho sede de Paz e encontro-a quando leio «O Gaiato». Encontro-a, por momentos e fico-me na sede interminável de Viver, de me dar. Ah! Viver!

Perdoe e deixe que me atreva a implorar recomende a Jesus uma alma em trevas».

Onde, sim, onde é que a gente vê e lê pedaços d'alma tão descobertos à luz e sedentos de Luz?! «O Gaiato» leva a palma, não há dúvida. Mas, em vez de cantarmos vitória, sentimos-nos, cada vez mais pequenos, tão pe-

queninos como este famoso quinzenário onde pulsa o coração e a alma do nosso querido Pai Américo.

A marcha não pára! É um mundo de devotos! Tantos, que é difícil assinalar um por um. Basta, porém, indicar suas terras — um mapa de Portugal! Vemos gente de Anadia, Amadora, Almada, Mourão, Lousada, Nova Oeiras, Figueira da Foz, Covilhã, Braga (os senhores bracarense entusiasmam-se!), Marmarosa, Reguengo (Albergaria a Velha), Damaia, Leiria uma data de vezes, Rebordões (Santo Tirso), Vilar (Moimenta da Beira), Ovar, Santarém, Boassas (Cinfães), Arouca, Vilar do Pinheiro e Bragança com um desabafo:

«Se o meu desejo se realizasse enviava mais dezenas de novas... Mas o gelo das serras também atinge as almas no sentido espiritual».

Um bocadinho mais d'atenção por favor. Ouçamos agora, um devoto de Carção, cheio de ironia e de muito interesse pela Campanha:

«Venho apresentar os meus cumprimentos à bem desorganizada (desculpem) administração de «O Gaiato» e, ao mesmo tempo, perguntar o motivo porque não enviaram ainda o «Famoso» à Sra... de Vimioso, apesar de eu ter feito o pedido há mais de um mês. Será que os meus caros amigos não tenham interesse em mais assinantes? Será que receiem o calote? Podem mandar. Esta é das que não se esquece de pagar.

Saúde, felicidades e longa vida».

Mal o postal me veio ter às mãos, quis saber o motivo ou motivos da falta. Fui ter com Avelino (a calma personificada). «Houve extravio, concerteza! Fiz a inscrição só depois de receber este postal», disse. Acredito que sim; a administração do Famoso parece estar agora em vias de mudar de qualificativo... Pois, segundo o Avelino, a culpa deve ser mas é dos C.T.T. — apesar de toda a sua engenhagem estar montada em alíneas e artigos...

O Ernesto (ex-Caracol) estava ao lado do Avelino. Ernesto é um rapaz expansivo, alegre, mas nem sempre bem disposto... Todavia, imediatamente a seguir à opinião do chefe, solta um pregão vibrante:

«Diz os senhores que não desanimem. Nós queremos mais e mais assinantes. Malha prá frente!»

É o que eu faço. É o que faz este nosso bom Amigo de Carção. Malhamos todos, respondi.

Júlio Mendes

e negros na fracção que a Justiça dita — então precisaríamos de ser muitíssimos, mas vale mais sermos poucos e conscientes.

Conscientes de que «a terra dá consoante as passadas do dono». Debruçarmo-nos, pois, sobre ela, amorosamente, suarmos sobre ela fielmente, esperarmos humilde e pacientemente o prémio do nosso labor. Debruçarmo-nos, suarmos, esperarmos — todos, qualquer que seja a cor, qualquer a profissão, desde o mais humilde trabalhador braçal ao técnico mais evoluído — contentes, por comermos o pão com o suor do nosso rosto, tanto quanto, por fatalidade sua, serão eternamente insatisfeitos os gananciosos, que olham sobranceiros, que comandam arrogantes da sua sombra fresca e defendida, que não esperam mas querem vencer logo após o chegar e ver, que não discutem meios, nem saltam os obstáculos que os outros homens sempre lhes serão, mas os aniquilam para marcharem na linha horizontal que os representa. Os problemas de Africa, como todos, são problemas que os homens criam por força de todos os vícios filhos do orgulho.

Se os homens os criarem, só os homens os poderão remediar. Se por orgulho aparecerem, só pela humildade podem desaparecer.

Quem nos dera que se reparasse nisto como realidade essencialíssima que é. E, a não haver os muitíssimos que lá eram precisos, não para dominar mas para conviver e trabalhar em clima de amor e paz, antes de lá se tirem os que estão a mais.

conceito de raça, ou brutalidade do mais forte, agora mudaram os ventos e muito favorecido está o abuso em sentido contrário.

O que podem os brancos sem os negros? O que podem os negros sem os brancos? Que pode dar a Africa, do muito que Deus lhe deu, sem uns e sem outros?

Isto é tão evidente, que só os simples e puros de coração o vêem e entendem. Os sábios e poderosos deste mundo não compreendem e gastam-se inutilmente a demonstrar o contrário.

Ora os ventos, turbilhonares, os que levantam pó e confusão, são de sua natureza transitórios. Depois deles fica o que estava antes: certo ou errado. O grande papel destes ventos é a ocasião que proporcionam para reparar nos erros e emendá-los. E onde as coisas estão certas e os erros se corrigem não é centro atreito a ciclones.

Comovem-me pouco as pressões estranhas que favorecem o desentendimento entre os portugueses de todas as cores. Preocupam-me deveras as depressões dos nossos erros.

Repór o que, por fraqueza ou malícia nossa depusemos — eis o caminho a andar.

Precisávamos de ser muitos no nosso Ultramar. Se é para dominar precisávamos apenas de ser muitos. Se é para conviver, para colaborar, para construir, para frutificar os bens tamanhos que Deus nos deu, de modo que esses frutos toquem a todos, brancos

«O Gaiato» ★  
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes